



Produção do espaço urbano e consumo. Os circuitos da economia urbana em cidades médias: Presidente Prudente (SP)¹

La producción del espacio urbano y el consumo. Los circuitos de la economía urbana en ciudades medias: Presidente Prudente (SP)

*Gabriel Boraschi Ribeiro², FCT/UNESP,
gboraschi@hotmail.com*

¹ Este trabalho faz parte de nossa pesquisa de Monografia defendida em fevereiro de 2016 na FCT/UNESP, Campus de Presidente Prudente, sob orientação da Prof. Dra. Maria Encarnação Beltrão Sposito.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia – FCT/UNESP, Campus Presidente Prudente (SP), Bolsista FAPESP Processo: 2016/06354-7

RESUMO

O presente texto tem como fundamento e apresenta como objetivo fornecer elementos que possam ser capazes de contribuir para a chamada 'atualização' da Teoria dos Circuitos da Economia Urbana, principalmente no que se refere ao circuito inferior e sua articulação com o circuito superior, pois a base empírica de nossa pesquisa é o Camelódromo da cidade de Presidente Prudente (SP). O interesse maior é o da compreensão da reestruturação do espaço urbano em cidades médias a partir de dois planos: análise das lógicas espaciais que orientam a localização desses espaços e os deslocamentos realizados pelas pessoas que o frequentam e análise das práticas espaciais do consumo, buscando, assim, contribuir para a análise do espaço urbano desta cidade.

Palavras Chave: Produção do Espaço Urbano, Circuitos da Economia Urbana, Camelódromo, Consumo, Cidades Médias.

RESUMEN

Este texto se basa y características diseñado para proporcionar los elementos que pueden ser capaces de contribuir a la llamada Teoría de la "actualización" de los circuitos de Economía Urbana, especialmente en lo que respecta al circuito inferior y su articulación con el circuito superior, como base empírica de nuestra investigación es la ciudad Camelódromo Presidente Prudente (SP). El mayor interés es la comprensión de la reestructuración del espacio urbano en las ciudades medianas de dos planes: el análisis lógico espacial que guiar la ubicación de estos espacios y de los movimientos realizados por las personas que asisten y análisis de las prácticas de consumo de espacio, buscando, de este modo contribuir al análisis del espacio urbano de la ciudad.

Palabras Clave: La Producción del Espacio Urbano, Circuitos Economía Urbana, Camelódromo, Consumo, en Ciudades Medias.

PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E A CIDADE CONTEMPORANEA

Vivemos num período marcado por processos de mudanças cada vez mais velozes, principalmente, por estarmos na era da informação. O processo da globalização e os avanços tornados possíveis pela reprodução do sistema capitalista impõem dinâmicas produtivas, econômicas e sociais, que perpassam em todos os lugares e regiões do mundo. Com a articulação dos sistemas técnicos, científicos e informacionais que acabam refletindo na política, na vida social e na dinâmica dos lugares, observa-se hoje um processo de produção do espaço, sobretudo no que concerne às cidades, incluindo, entre outras dinâmicas, a exacerbação do consumo na sociedade.

Segundo Souza (2013) entre outros, a Geografia desenvolve-se por meio de um arcabouço teórico, que inclui conceitos e métodos, estes sendo como unidades explicativas fundamentais. Deste modo, é papel fundamental do geógrafo compreender e analisar, ou seja, elucidar a realidade e, principalmente, no que concerne às modificações no espaço geográfico.

O espaço é alterado de acordo com o movimento da sociedade, sendo um conjunto de formas representativas das relações sociais que nos remetem ao passado, ao presente que concerne ao que está acontecendo, assim, é um produto da organização da sociedade e um reflexo dessa sociedade global, lembrando que o espaço está constantemente em transformação, sendo inseparável, portanto, do tempo. De fato, é da produção do espaço-tempo que se trata. (SANTOS, 2004).

Contudo, o espaço desempenha papel decisivo na estruturação de um sistema, entre eles o sistema urbano (conjunto de redes urbanas) e as relações que a este estão atreladas. Observamos, assim, o que Sposito (2013) chamou de reestruturação urbana e reestruturação das cidades, uma articulação dialética, potencializada pela mundialização da vida econômica, e tornando possível novas configurações das práticas sociais, condicionando a importância dos fluxos, inclusive nos novos moldes de consumo.

Tais práticas sociais são um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, portanto, configurando uma prática espacial. Sendo assim, toda prática espacial é uma prática social e não há como pensar nas relações sociais sem o espaço geográfico, segundo Souza (2013). Compreender as práticas na escala da cidade requer um esforço teórico muito complexo, pois no mundo atual em que vivemos, para ser mais preciso no contexto técnico-científico-informacional e como nos chamou atenção Milton Santos em “A natureza do espaço”, na atual unicidade técnica do tempo (combinando duas variáveis espaço e tempo) é que existe um elo entre o acontecer local e o mundial; é este movimento dialético em que todos os espaços se articulam e é nítida a importância das interações multiescalares. Sposito (2013), ao pensar de maneira semelhante, ainda define que nada pode ser explicado apenas numa dada escala, é preciso para compreensão pensar na articulação entre as escalas geográficas e interescalares. Assim, no âmbito da rede urbana e no que se refere às cidades médias, Catelan (2014, p. 1) compreende que:

As mudanças nos padrões e no potencial do consumo das cidades ampliam-se conforme as interações espaciais interescalares, ao mesmo tempo, em que estas promovem mudanças profundas nas lógicas econômicas e nas práticas socioespaciais contemporâneas das cidades médias, alterando sua condição na rede urbana (CATELAN, 2014).

CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA NA URBANIZAÇÃO ATUAL

Para se compreender a urbanização latino-americana atual, é necessário entender as relações entre modernização e o uso corporativo do território, sobretudo passando pelo fortalecimento do circuito superior sobre o circuito inferior da economia urbana. Silveira (2009, 2010, 2015) destaca as principais variáveis determinantes atuais: técnica, ciência, informação, finanças (2009) e o consumo (2015).

No mundo globalizado, é necessário entender os mecanismos que o Estado propõe para acabar com a produção da pobreza, tendo em vista das articulações dos circuitos, para assim poder chegar a algum resultado. Silveira começa a discussão a partir de dois planos analíticos:

A. Economia política da urbanização – repartição dos instrumentos de trabalho, do capital, empregos e homens para uma formação socioespacial;

B. Economia política da cidade – a cidade como meio construído se organiza frente à produção dos agentes existentes na vida urbana, sobretudo pela divisão do trabalho. Deste modo, a cidade pode ser vista como uma superposição de divisão do trabalho, entendida como um mercado. (SILVEIRA, 2010, p.2).

Ao passo em que as grandes empresas vão concentrando o capital, em um contexto macroeconômico, se expandindo por todo território, aumentando sua lucratividade do sistema financeiro, tende-se cada vez mais aumentar o distanciamento físico, temporal, tecnológico do circuito superior para o circuito inferior da economia urbana. E por mais que isso esteja evidente nas metrópoles, de modo intenso e profundo, essas características aparecem também nas cidades médias.

É importante observar a divisão territorial do trabalho e as formas de consumo que se dão, analisando-os através da circulação do capital, do grau de tecnologia e da organização do território, afirmando assim, que os dois circuitos são apostos e interdependentes.

Tendo em vista este contexto, é importante entender que a cidade é fragmentada, podendo ser analisada por meio dos dois circuitos. Então, surge a indissociabilidade entre os circuitos, entre o campo e a cidade, e as economias políticas da cidade e do desenvolvimento desta, pois nunca houve muita interdependência explicativa entre esses pares no período atual.

Na conjuntura atual, os agentes que denominamos circuito superior têm uma área de produção global, graças ao domínio da tecno-ciência, da organização, da informação e da circulação do capital. Este se robustece, ainda que seletivamente, em grandes cidades e nas cidades médias. Porém, as atividades modernas necessitam cada vez mais novas relações interurbanas, dialogando entre si para compor este nível da economia superior. Daí a importância da densidade técnica, informacional e organizada da rede urbana mais moderna. Todo esse desenvolvimento do circuito superior permite ter bases para compreender a existência da pobreza e, conseqüentemente, dos circuitos inferiores nas cidades. As cidades médias têm grande importância para o desenvolvimento deste circuito, pois como afirma Silveira:

En regiones menos densas, las nuevas localizaciones se dan al sabor de un conjunto de ventajas fiscales y tributarias, así como de la posibilidad de instalar unidades de producción modernas sin enfrentarse a las resistencias técnicas y organizacionales preexistentes, incluyendo-los sindicatos. Consecuencia de la radicación de nuevas clases medias, el consumo se

expande en esas ciudades y, así, se instalan nuevas empresas comerciales. (SILVEIRA, 2011, p. 6).

Na atual conjuntura do poder econômico e territorial, os grandes grupos econômicos, estão se fortalecendo no que chamamos de holdings, com um intenso processo de fusões e aquisições, cuja internacionalização está em evidência. Outro propósito de superar estes limites geográficos e ampliar o capital são as redes de franquias, fazendo com que o circuito superior se expanda por todo território. E como não é uma mera coincidência, por ser mais organizado, tecnificado e capitalizado, o circuito superior tende cada vez mais a estimular o consumo. Porém, o circuito inferior não fica para trás, pois hoje a expansão deste circuito se dá pela forma do consumo através do crédito, oferecidos as classes médias e médias baixas, que são fáceis de conseguir, e que são oferecidos pelo circuito superior, como uma forma de expandir o consumo. (SILVEIRA, 2011).

Silveira destaca a importância das atividades de sobrevivência, quando afirma que:

Lejos de tener un conocimiento científico-tecnológico para prestar servicios de esa naturaleza a la economía superior, buena parte de la población urbana realiza trabajos ocasionales y orientados a consumos banales. E un verdadero sistema de vasos comunicantes, el circuito inferior nace y se desarrolla en función tanto de la insatisfacción de las demandas creadas por la economía hegemónica como del desempleo estructural. (SILVEIRA, 2011, p.11).

Em outras palavras, as atividades de sobrevivência pequenas, são as que permitem a criação de oportunidades de trabalho. Porque ao mesmo tempo em que elas garantem uma sobrevivência, as pessoas vão ganhando vontade de consumir, no que tange bens e serviços de baixo valor acrescentado. Porém, os altos custos e lucros são subordinados ao desempenho do circuito superior. O que fica claro na economia atual é a importância que o circuito inferior exerce, principalmente, no que tange à fragmentação do tecido urbano, como afirma Silveira (2010):

Eles oferecem produções imitativas de trabalho criativas ou territoriais, estas divisões sociais são, no entanto, dependente da ordem espacial mundial ditada por oligopólios. Daí a alta taxa de mortalidade de pequenas empresas e outros agentes menos capitalizados. Sua taxa de natalidade é, no entanto, superior. (SILVEIRA, 2010, p.11).

Buscamos contribuir com a construção de uma economia política da cidade que se propõe a entender como o meio construído se organiza face à produção e como os agentes encontram seu lugar no tecido urbano e na divisão do trabalho. (SILVEIRA, 2010).

Analisar e compreender os papéis regionais, que cada uma exerce, e de como são desempenhados na escala da rede urbana e no caso de nossa pesquisa, principalmente no que tange à escala da cidade e interurbano. Assim, são definidas duas escalas geográficas, que remetem a necessidade de se entender suas dinâmicas e a reestruturação delas. Assim como afirma Sposito (2006): "... já se pode notar a importância de cidades médias que, ao dominarem e coordenarem a produção num dado território, definiam as áreas sob seu controle e estabeleciam suas regiões", mostrando a importância destas duas escalas e suas relações para a compreensão destas cidades. (SPOSITO, 2007).

Refletindo, nos dias atuais, sobre o que seria particular aos circuitos da economia urbana, é importante frisar que o consumo se tornou um elemento motor para a expansão destas cidades. Com a globalização, a entrada de capital estrangeiro começou a se tornar algo comum e com a

acumulação do capital, exigindo assim uma expansão territorial das empresas, alterando as relações entre as escalas, que agora passam a atingir a escala global, a questão agora é entender as lógicas destas empresas, que passam a investir em cidades médias, em alguns casos ampliando suas bases territoriais e, em outros, em detrimento das metrópoles.

No caso de nosso estudo, o foco recai no circuito inferior, não pressupõe que não serão consideradas a articulação com o circuito superior da economia, e um tema que foi discutido por Silveira (2009), pois há que se considerar a financeirização da economia, associada à importância do sistema bancário e das empresas financeiras, que submetem, em grande medida, a ação dos pequenos capitais que operam nos camelódromos. Sposito (2007) destaca o sistema bancário como um dos vetores para a redefinição dos papéis das cidades médias. Assim, ela afirma:

Igualmente, o setor bancário é um vetor de redefinição dos papéis das cidades médias, uma vez que, em suas dinâmicas de reestruturação de gestão e funcionamento, os grandes conglomerados do setor financeiro e bancário fecharam unidades em cidades pequenas, ampliaram papéis de agências de cidades médias e grandes, concentraram papéis de comando em metrópoles nacionais e globais. Por outro lado, o aumento do número de caixas eletrônicos altera de forma significativa as dinâmicas de estruturação do espaço urbano. (SPOSITO, 2007, p. 238).

No entanto, para se compreender como as cidades médias se comportam e de como elas se reestruturam, a importância dos atores locais e regionais e tanto dos nacionais e globais é de se analisar com atenção, porque são possíveis múltiplas combinações entre eles. Ou seja, “a redefinição da divisão regional do trabalho e da divisão internacional do trabalho não ocorre da mesma forma para todas as cidades médias”. (SPOSITO, 2007, p. 240).

No entanto, para entender como uma cidade se posiciona e se reestrutura, seria preciso ter capacidade de verificar como se relacionam os movimentos de vários atores e como se combinam acontecimentos de diferentes importâncias. Aqui é preciso ir um pouco além da síntese de escalas a partir de atores ou acontecimentos, para buscar a articulação entre eles em múltiplas escalas. (SPOSITO, 2007, p. 245).

Surge daí a necessidade da articulação entre atores locais, que residem e atuam nas cidades médias, que buscam a conquista do mercado para seus produtos e serviços, e entre os atores que são externos às cidades médias. A cidade pode ser analisada através das divisões do trabalho coexistentes, que se compreendem pelos circuitos da economia urbana, na qual se distinguem em função dos diversos setores, como os de diferentes graus de tecnologia, capital intensivo e organização complexa, assumidos pelas atividades urbanas. Quando estes são bem organizados, capital em grande circulação, trata-se do circuito superior e quando é ao contrário, trata-se do circuito inferior. (SANTOS, 2004).

Montenegro (2013) define o circuito superior da economia urbana, retratando os principais agentes e representantes, que são um resultado direto da globalização:

O circuito superior — composto pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores — é o resultado direto das modernizações que atingem o território. Seus principais representantes, no período atual, são as grandes indústrias, corporações globais e multisetoriais, empresas de consultoria, empresas produtoras de informação e de alta tecnologia. (MONTENEGRO, 2013, p. 38).

E define, por conseguinte, o circuito inferior, mostrando suas principais características e sendo compreendido como as formas de trabalho para a sobrevivência:

O circuito inferior, por sua vez, compreende o resultado indireto da modernização e constitui-se de formas de fabricação não intensivas em capital, serviços não modernos fornecidos a varejo, comércio não moderno e de pequena dimensão, voltados sobretudo ao consumo da população de baixa renda. Este circuito pode ser compreendido, assim, como as formas de trabalho urbanas assumidas pela pobreza nas grandes cidades. (MONTENEGRO, 2013, p. 38).

O que vemos no mundo globalizado é o circuito superior espalhado pelo território nacional, dominando-o em grande escala, com atividades modernas e que gera grande circulação do capital e cada vez mais assumindo um caráter de que não é necessário mão-de-obra. Porém, o circuito inferior vem se consolidando, ocupando o território em formas diferentes de organização, como, por exemplo, o camelódromo, prestadores de serviços e ambulantes, entre outros. Sendo assim, este age como “o abrigo e fornecedor de ocupação e renda para grande parte da população”. (MONTENEGRO, 2013, p. 39).

O que acontece nas metrópoles é revitalização do centro antigo. O capital moderno, muitas vezes beneficiados pelos financiamentos de obras públicas, e que renovam a localização destas novas empresas, pelas intervenções imobiliárias, e que agora passam a (re) constituir um mercado importante para o capital financeiro, causando uma consequência indireta: “La consecuencia indirecta de esa modernización es la expulsión, más temprano o más tarde, de los pobres de las áreas centrales de la ciudad, como revelan numerosos proyectos urbanísticos”. (SILVEIRA, 2011, p.11).

Portanto, a intensa valorização dos centros antigos, que ocorre nas “porciones del medio construido urbano”, no qual ressurgem como um obstáculo para aqueles agentes menos capazes de manter sua própria localização e de valorizar seus produtos. Ocorre diferentemente nas cidades médias, como pretendemos mostrar com o desenvolvimento desta pesquisa, em que os chamados “camelódromos” geralmente são localizados no centro principal das cidades, bem próximo aos terminais de transporte urbano e ruas importantes para o comércio da cidade.

Entretanto, as áreas centrais criadas e ocupadas pelo circuito inferior, são alvos também das grandes empresas do circuito superior. Pontos onde se encontram o consumo popular estão sendo renovados pela propagação das propagandas e principalmente com abertura ao crédito. Assim:

No son únicamente las áreas modernas o aquellas a ser transformadas en el medio construido urbano las que interesan a los agentes del circuito superior, sino también los puntos que concentra un expresivo consumo popular, siempre renovados al ritmo de la propaganda y del crédito. E esas porciones no existe la preocupación de re-viabilizar el medio construido, sino de usufructuar la centralidad construida espontáneamente por el trabajo y el consumo del circuito inferior. Por ello, las grandes cadenas comerciales y financieras instalan su cúrsales no sólo en los centros de la ciudad. (SILVEIRA, 2011, p.12).

No caso de Presidente Prudente, por exemplo, as principais agências financeiras são localizadas no centro principal e próximo ao camelódromo, aproveitando-se e usufruindo da centralidade exercida por este consumo popular, bem como estimulando-a. Há um grande crescimento dos créditos pessoais proporcionados por estas instituições bancárias, que não são tão burocráticas iguais foram há décadas, que faz parte da atual conjuntura financeira do capital.

En el período actual, los bancos diversifican sus productos, con nuevas ofertas de crédito a las empresas y a las familias. Aumenta el consumo productivo y consuntivo. Los procesos de fusiones bancarias, cuya escala e intensidad eran desconocidas, dotan de nuevo poder a los agentes del circuito superior. (SILVEIRA, 2011, p.12).

Contudo, o circuito superior não é tão independente quanto parece. Por mais que nele se trabalhe com um capital intensivo e a circulação financeira é maior, é preciso, para ampliar seus lucros, vender produtos e serviços. Ampliam-se os nexos financeiros entre os dois circuitos, visto que no inferior não se trabalha mais, somente, com o dinheiro (papel) ou fiado, pois, na conjuntura atual, as máquinas de cartões de crédito e débito fazem parte deste processo, assim como a expansão do crédito pessoal relatado acima. Assim, como afirma Silveira:

Si los nexos financieros inherentes al circuito inferior son el dinero líquido y el fiado, la creciente incorporación de máquinas de tarjetas de crédito y débito en los pequeños establecimientos y en ciertas ferias, así como la expansión actual del crédito y su desburocratización son datos perturbadores para tal circuito. (SILVEIRA, 2011, p. 13).

Desta forma, o circuito superior acaba ampliando suas vendas, multiplicando os lucros, mostrando assim, a articulação entre os circuitos da economia urbana, pelos processos de financeirização e creditização. Porém, todo esse benefício, que ocorre de forma indireta, que o circuito inferior se utiliza as propagadas criadas pelo circuito superior, não adquire total eficiência. Pois quando se trata na questão da marca, a atração criada pelos circuitos superiores é maior, talvez criado num mundo simbólico frente ao consumo das melhores marcas e qualidade, a partir desta, é que surgem as multiplicações das imitações. (SILVEIRA, 2011).

O crescimento do mercado externo deve-se ao fator do crescimento do mercado interno, revelando-se assim, uma alta concentração do capital e sua dispersão territorial. Tudo isso, deve-se aos pequenos comércios de fabricação de produtos e de serviços, que são uma forma de sobrevivência. Outras atividades se fortalecem, por exemplo, sob a forma de feiras periódicas e vendedores ambulantes espalhados pelas ruas.

No período da globalização, a cidade surge, mais do que nunca, como o espaço de todos os agentes, apesar de seu nível desigual de capital, tecnologia e organização. Com o tempo eles aumentaram interdependências, cujas manifestações mais visíveis são as novas localizações dos canais comerciais em áreas danificadas e periféricas de consumo popular, anteriormente reservada para pequenos capitais. (SILVEIRA, 2011).

Mas, por outro lado, também aumenta a subordinação, pois consumir mais no circuito superior significa menos oportunidades para a produção e venda no circuito inferior e, como corolário, surge endividamento, insolvência e padrão. Mais uma vez, o circuito superior melhora a sua capacidade de macro-organização do país, dominando a economia política da urbanização e da cidade, mas o circuito inferior continua a permitir a sobrevivência da maioria da população nas grandes cidades. Essa desigualdade estrutural na cidade - que nos permitem afirmar a existência de dois circuitos da economia urbana - não elimina a necessidade de compartilhar a mesma porção do território. (SILVEIRA, 2011).

CIDADE MÉDIAS E CONSUMO: INTERAÇÕES ESPACIAIS INTERESCALARES

As cidades médias têm se tornado espaços do capital corporativo e estão submetidas às novas condições impostas pelo capital, independentemente de qual seja a escala de atuação, assim como a abrangência da circulação e da produção. (SPOSITO, 2007); (CATELAN, 2014).

Sposito et al (2007) propõem uma metodologia para o estudo sobre e em cidades médias, que nos ajuda a compreender as complexidades e aumento das interações espaciais entre elas. Deste modo, como destaque, a autora chama atenção para as continuidade-descontinuidade espaciais, como um modo de abrangência e de interpretação promovida pelo consumo como dinâmica importante para compreender a produção do espaço, nas cidades médias. (SPOSITO et al, 2007); (CATELAN, 2014).

Catelan (2014), motivado por uma afirmação de Corrêa (2007), identificou processos que permitem enxergar as cidades médias em relação a suas hierarquias urbanas. Devido ao aumento das interações espaciais, sob as novas condições que foram impostas com o avanço do capital, aumentando a concentração espacial das atividades de produção e consumo, transformando essas cidades médias em centros regionais, ao mesmo tempo em que se ampliam os fluxos e as lógicas econômicas. Portanto, toda essa complexidade que está onipresente e, por sinal, redefinindo os papéis de tais cidades na rede urbana, geram uma complexidade e uma complementariedade, que Catelan (2013) chamou de heterarquia urbana para se combinar com a ideia já consagrada de hierarquia urbana.

Na complexidade atual contemporânea, vivemos numa sociedade organizada a partir do e pelo consumo. O espaço geográfico, como condição e reflexo dessa sociedade, passa por transformações constantes, e no que concerne à produção do espaço urbano, o consumo pode ser considerado um recorte para compreender a produção das cidades. Deste modo, os processos e dinâmicas são difundidos em diferentes escalas e de diferentes formas, numa relação de intensidade e de grandeza, ou seja, é por meio do consumo que o espaço é produzido e como:

Uma forma de compreendermos que o consumo é uma força propulsora da espacialização de processos como a urbanização e a globalização, ao mesmo tempo em que estes processos possibilitam um contexto de reprodução ampliada do mercado. Esta relação não poderia ser feita sem a constatação de que vivemos no mundo de hoje uma complexidade resultante da interação espacial interescalar. (CATELAN, 2014, p. 3).

Catelan (2014) considera a relação cidade-consumo como a forma de entender a condição espacial das cidades médias, compreender as relações dos novos conteúdos com as articulações do espaço produzido pelo consumo. Consideramos a cidade de Presidente Prudente como centro regional, que pode ser visto sob esta perspectiva, com papéis funcionais importantes na escala da rede urbana, organizados em níveis, que concentram o capital, com um poder explosivo de comandos e interações espaciais entre os agentes econômicos e políticos, organizando o espaço em diferentes patamares.

É nesse sentido, que o autor compreende a rede urbana:

[...] A complexidade da diferença que promove cidades com papéis e funções diversas na rede, organizado em níveis, com capacidade de interações espaciais interescalares, cujas densidades dos fluxos e dos fixos são ampliadas com o aumento do potencial de consumo das cidades. (CATELAN, 2014, p. 4).

Portanto, consideramos as cidades de Presidente Prudente como Cidade Média, pois reúne:

Elementos como a concentração espacial seguida de centralização do capital, principalmente na atuação regional, mas também no movimento de interação espacial entre lógicas de escalas mais amplas com destaque para a global. (BELLET, 2009; SPOSITO, 2009; CATELAN, 2013 e 2014, p. 6).

Sob essas formas de articulação e produção do espaço, o movimento do capital é o que rege e condiciona a cidade a se organizar, em níveis, e reprodução do dinheiro, da vida, das coisas, ou seja, tudo o que pertence ao espaço urbano. Logicamente, considerando as devidas proporções, o Camelódromo da cidade merece ser avaliado porque exerce algum nível de polarização que pode alcançar a escala regional, atraindo consumidores das cidades do entorno. É pontos de referência no centro principal da cidade em análise, as pessoas vão com o intuito de consumir nesse espaço, que é importante gerador de empregos, de circulação de produtos, que requer toda uma organização e logística. (CATELAN, 2014).

É nesse aspecto, que a globalização provoca dinâmicas e processos no território, principalmente por parte das empresas que pertencem ao circuito superior da economia urbana, que visam cada vez mais atrair todas as fatias do mercado, e assim, automaticamente, para sobreviverem, o circuito inferior tende a se reorganizar com o intuito de manter sua parcela do mercado consumidor. A incorporação da máquina e o uso do cartão de crédito é um exemplo de iniciativa que mostra como os pequenos empreendedores deste comércio buscam manterem-se. Este meio de realização do consumo, antes só era oferecido pelas grandes lojas e, hoje, é comum a todos os boxes do respectivo camelódromo, inclusive, o principal meio de propagação do crédito é, atualmente, o cartão de crédito. Neste contexto, só é possível elevar o potencial de consumo das cidades, sobretudo, da “interrelação e articulação de lógicas advindas de escalas que não são mais apenas a local e a regional, levando a aumento do ‘potencial’ de consumo destas cidades na rede urbana” (Catelan, 2014, p. 4) e se passarmos entender a espacialização do consumo e a força que as novas centralidades vão modificando as cidades, principalmente com a instalação de shoppings centers, ainda que, o centro principal é melhor lugar para o consumo. (SILVEIRA, 2015); (CATELAN, 2014).

A escolha desses agentes sobre as cidades médias não é por acaso. Existe uma série de estudos sobre o potencial de consumo dessas cidades, feito pelas empresas, para a avaliação do potencial de consumo incorporado à cidade, sua capacidade de interação na escala da rede urbana, ou seja, no caso das cidades médias, elas não são vistas em si, mas à escala da cidade, acrescenta-se a verificação de sua influência na escala regional e suas ampliações no que concerne as interações espaciais. Deste modo, “...ressaltamos o espaço regional é um contexto de definição dos papéis e das funções das cidades médias na rede” (CATELAN, 2014, p. 5).

Ao estudar os efeitos do consumo nos papéis e nas funções das cidades médias, Catelan (2014) utiliza o potencial de consumo como um recurso metodológico, porém, esse estudo deve resultar da análise do que é quantitativo como também pela dimensão qualitativa. No que concerne ao quantitativo, o autor compreende como ordens de grandeza que tem como referência o espaço e os fixos incorporados; e sobre o qualitativo é a busca e identificação dos conteúdos presentes na materialidade do espaço. Assim, o autor elenca alguns elementos como articuladores para avançar na análise da relação entre consumo e seus efeitos na produção das cidades: 1) A concentração econômica e espacial das atividades comerciais e de serviços; 2) Distribuição e vetores de expansão das atividades comerciais; 3) Identificação dos agentes políticos e econômicos envolvidos com a produção da cidade; 4) Classificação e definição dos tipos de produtos –

mercadorias em geral incluindo a terra urbana que na cidade média ainda é indicativo de direcionamento da produção das cidades; 5) Articulação de lógicas advindas das escalas nacional e internacional especializadas nas escalas do intra-urbano podendo consolidar a escala regional como abrangência de atuação das empresas. (CATELAN, 2014).

O consumo como uma prática espacial, é entendido como uma questão de escala. As pessoas ao consumirem no Camelódromo, por exemplo, estão relacionadas com a escala da cidade, e conseqüentemente com as outras escalas, pois para os produtos chegarem até os comerciantes, foram produzidos até mesmo fora do país, até chegarem aos níveis regionais, movimentando a economia, no que concerne na escala da rede urbana.

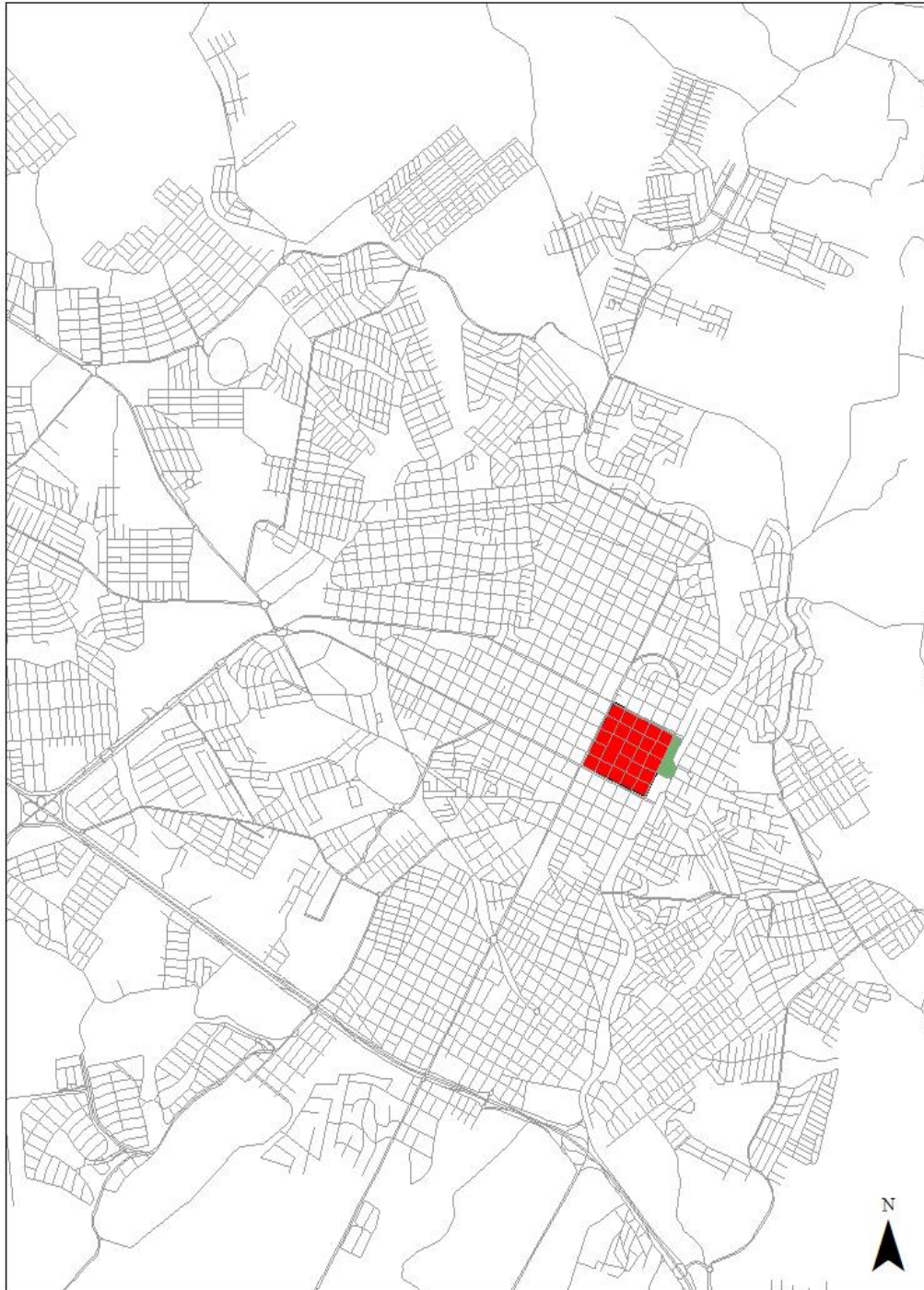
O consumo tem um papel importante na reprodução do capital, que pode acelerar e intensificar as interações espaciais interescolares de modo contínuo e sendo moldado conforme as lógicas econômicas de múltiplas escalas, produzindo o espaço. Nesse aspecto, as cidades médias vão ganhando complexidade, novos papéis, novas funções, novos conteúdos espaciais, novas articulações, e assim, os circuitos da economia urbana vão se modificando, pois enquanto o circuito superior é responsável por essa dinâmica, o circuito inferior está sempre sobrevivendo e tendo que se adaptar a novos processos. Catelan (2014) chama atenção para um aspecto importante, que é evidenciado pelo crescimento no número de estabelecimentos comerciais e de serviços, shoppings centers, empresas organizadas em redes, que vão modificando a produção do espaço urbano e ganhando força no que tange as variáveis determinantes/dominantes atual: Tecnificação, informação, financeirização e o consumo, e que também nos ajudar a compreender o papel das cidades médias na escala da rede urbana. O consumo, sem dúvida, é um elemento motor, que articulado a outros elementos, compõe um conjunto de variáveis importante para compreender a cidade contemporânea e para a chamada 'atualização' da perspectiva dos circuitos da economia urbana. Assim, Catelan (2014) define:

Assim, pelo viés do consumo elaboramos um conjunto de elementos teórico e metodológicos para compreender o movimento de reprodução do capital nestas cidades médias e como a partir dele seus papéis e funções são consolidados na rede de cidades, tanto pela semelhança desses papéis, sendo o de maior destaque a forte centralidade regional, como também pelas diferenças em que encontramos em cada uma delas tanto em seu espaço intraurbano, como em suas condições no âmbito da rede urbana (CATELAN, 2014, p. 13).

CARACTERIZAÇÃO DO CAMELÓDROMO DE PRESIDENTE PRUDENTE

O Camelódromo tem uma localização estratégica no espaço urbano, porque está no início do Calçadão, na Rua Tenente Nicolau Maffei, via de pedestres que liga a Praça da Bandeira, à Praça Monsenhor Sarrion, para onde aflui a maior parte das linhas de transporte coletivo urbano na cidade. Trata-se do quadrilátero central da cidade, composto pelas Avenidas Washington Luís, Brasil, Manoel Goulart e Coronel.

(Figura 1) – Mapa do quadrilátero central da cidade e a Praça da Bandeira



Legend

— Presidente Prudente_eixos

■ Praça da Bandeira

■ Quadrilátero Central



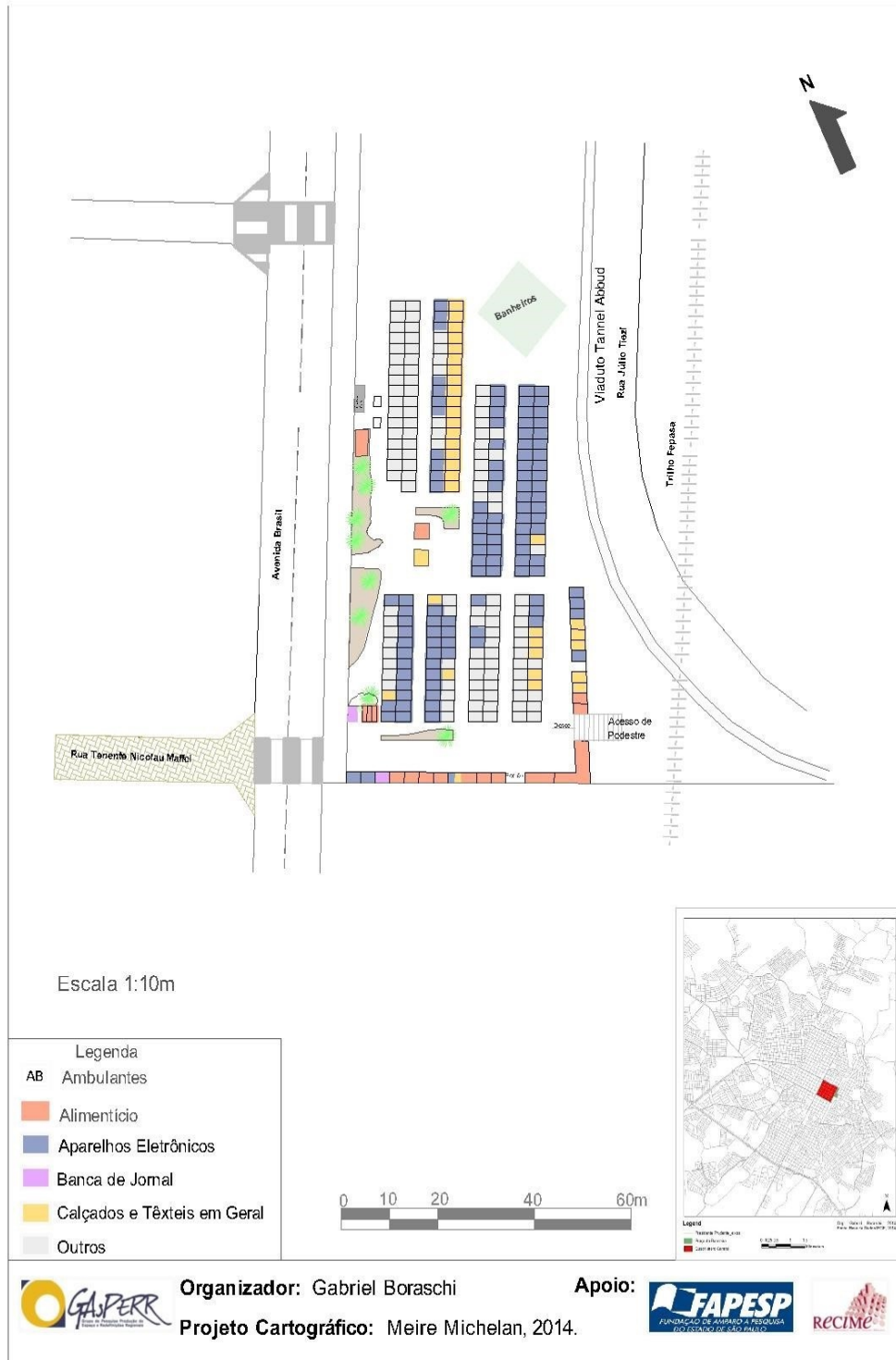
Org: Gabriel Boraschi, 2014.
Fonte: Base de Dados IBGE, 2014.

O objetivo deste mapa é mostrar a localização exata do quadrilátero central da cidade (destacado em vermelho), conforme os principais eixos da cidade e a localização do camelódromo, na Praça da Bandeira, representado em verde, conforme mostra a legenda. Esta localização assegura, ao comércio informal, o usufruto da centralidade estabelecida historicamente para um conjunto de pessoas que identifica esta área, como o lugar onde se encontra todo tipo de atividades ligadas ao comércio de bens e serviços e à grande circulação de pessoas, propiciando o consumo.

A figura 2 representa a planta do Camelódromo de Presidente Prudente, que contém 240 boxes internos, 35 boxes externos, 5 ambulantes e 2 bancas. Como podemos ver, nos boxes externos, ou seja, os que têm as portas voltadas para as 'bordas' do espaço, o grande domínio é do ramo alimentício, destacado na cor vermelha, ainda que alguns sejam ocupados por espaços comerciais de roupas e eletrônicos. Nos voltados ao serviço de restauração alimentar, são vendidos salgados, pratos de comidas, sorvete, bebidas, entre outros produtos. Nos boxes internos, cujas portas voltam-se para os corredores internos do camelódromo, o destaque da cor azul, indica o predomínio de produtos do ramo de tecnologia, o que é visível. Esse setor possui vendas de celulares e seus acessórios; vídeo games e jogos, que possuem uma procura muito grande, cotidianamente, e se observou que são feitas muitas encomendas para os comerciantes buscar novos produtos no Paraguai, segundo o relatado por um vendedor destes produtos.

Há a venda de câmeras fotográficas profissionais; computadores e seus acessórios; aparelhos de som para carro; caixas de músicas; aparelhos DVDs; helicópteros de controle remoto; entre outros muitos produtos. E como podemos analisar no gráfico 4, as pessoas vão à procura desse ramo da tecnologia, é o setor mais forte do camelódromo de Presidente Prudente.

(Figura 2) -Presidente Prudente: Camelódromo 2014.

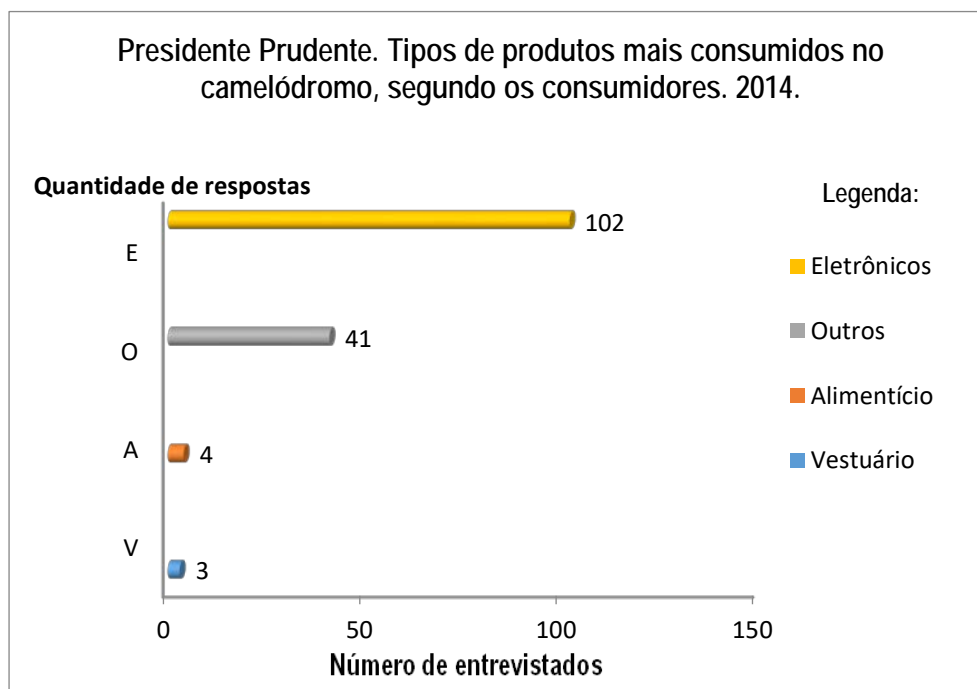


O mapa representa a planta do Camelódromo de Presidente Prudente, que contém 240 boxes internos, 35 boxes externos, cinco ambulantes e uma banca. Como podemos ver, nos boxes externos, ou seja, os que têm as portas voltadas para as 'bordas' do espaço, o grande domínio é do ramo alimentício, destacado na cor vermelha, ainda que alguns sejam ocupados por espaços comerciais de roupas e eletrônicos. Nos voltados aos serviços de restauração alimentar, são vendidos salgados, pratos de comidas, sorvete, bebidas, entre outros produtos. Nos boxes internos, cujas portas voltam-se para os corredores internos do camelódromo, o destaque da cor azul, indica o predomínio de produtos do ramo de tecnologia, o que é visível. Esse setor possui vendas de celulares e seus acessórios; vídeo games e jogos, que possuem uma procura muito grande, cotidianamente, e se observou que são feitas muitas encomendas para os comerciantes buscar novos produtos no Paraguai, segundo o relatado por um vendedor destes produtos. Há a venda de câmeras fotográficas profissionais; computadores e seus acessórios; aparelhos de som para carro; caixas de músicas; aparelhos DVDs; helicópteros de controle remoto; entre outros muitos produtos.

Destacado na cor laranja, o setor de vestuário compõe alguns boxes espalhados pelo camelódromo, porém, com predomínio no corredor perto dos banheiros, que contém muitos boxes seguidos destinados às vendas destes produtos, com artigos de vestuário em geral, como por exemplo, blusas; camisas normais e de times de futebol; vestidos; saias; calças; camisolas; pijamas; bonés; etc., assim como calçados.

Em destaque na cor cinza, agrupamos todos os outros tipos de atividades comerciais e de serviços. São produtos como, por exemplo, artigos de pesca; bolsas mochilas, sacolas e mala; artigos para presentes; brinquedos; bijuterias; óculos de sol etc.

Gráfico 1



Destacado na cor laranja, o setor de vestuário compõe alguns boxes espalhados pelo camelódromo, porém, com predomínio no corredor perto dos banheiros, que contém muitos boxes seguidos destinados às vendas destes produtos, com artigos de vestuário em geral, como por exemplo, blusas; camisas normais e de times de futebol; vestidos; saias; calças; camisolas; pijamas; bonés; etc., assim como calçados.

Em destaque na cor cinza, agrupamos todos os outros tipos de atividades comerciais e de serviços. São produtos como, por exemplo, artigos de pesca; bolsas mochilas, sacolas e mala; artigos para presentes; brinquedos; bijuterias; óculos de sol etc.

Do ponto de vista das relações do camelódromo com os espaços urbanos, frisamos sua localização justaposta ao Calçadão e a ele ligado por uma faixa de pedestre, como podemos ver na Figura 8. Ao canto inferior direito do mapa contido na Figura 8, podemos ver a passagem subterrânea que existe, destacado como: acesso de pedestre. Esta passagem está sob o viaduto, ao longo do qual está o camelódromo num patamar topográfico um pouco mais baixo, que liga a Praça da Bandeira ao bairro Vila Marcondes, localizado após a ferrovia. É significativo o fluxo de pessoas saindo e entrando no camelódromo para, em seguida, ter acesso às principais ruas do centro da cidade.

Ademais, o ponto de ônibus, é um local que possui uma centralidade muito forte, pois várias pessoas que vem de bairros distantes do centro da cidade descem neste local, o que acaba contribuindo muito para o consumo no camelódromo e também para fluxo de pessoas ao centro comercial da cidade. Foram realizados trabalhos de campo em Presidente Prudente, com aplicação das enquetes com a população e realizações das entrevistas com os consumidores. As enquetes aplicadas, compreendeu um total de 150 pessoas, entre as que estavam consumindo no camelódromo de Presidente Prudente.

CONCLUSÃO

Por meio da pesquisa realizada, pudemos constatar que o espaço urbano, visto como objeto geográfico de estudo da cidade, apresenta características importantes à apreensão do geógrafo. É um espaço fragmentado e articulado, campo simbólico de lutas, é reflexo e é condição (CORREA, 2003). É, constituído pelo núcleo central, por zonas periféricas, áreas industriais, subcentros importantes, áreas de residências de distintas naturezas, como os condomínios fechados e as favelas, entre outras. Portanto, é um espaço rico em características para diversos tipos de abordagens. Em nossa pesquisa, optamos por ler uma das dimensões deste espaço por meio dos dois circuitos da economia urbana, de modo a contribuir para a compreensão da reprodução e reestruturação do espaço urbano nas cidades, a partir das práticas espaciais do consumo, buscando, assim, contribuir para a análise do espaço urbano.

Os dois circuitos não podem ser mais compreendidos como nos anos 1970, período em que Milton Santos produziu a teoria. Segundo o mesmo autor, o espaço muda na medida em que o tempo e a sociedade mudam, portanto, esse processo de mudança é marcado por transformações em variáveis determinantes/dominantes, pertencente aos dois circuitos da economia urbana, o que exige a atualização das variáveis que compõem a teoria, à luz das alterações observadas na sociedade e no modo como ela produz e se apropria do espaço.

Nossa pesquisa trouxe contribuições para o estudo da produção do espaço urbano, mais especificamente nas cidades médias, por meio do estudo do Camelódromo, que representa o circuito inferior da economia urbana. Buscamos valorizar o que Silveira (2009, 2015) define como as variáveis determinantes/dominantes da atual divisão territorial do trabalho hegemônica de uma nação: Tecnificação, Informação, Financeirização (2009) e o Consumo (2015). Deste modo, o funcionamento do sistema-mundo em escala global, financiando a produção, o consumo (associado à mídia e às propagandas; cooptados pela oferta do crédito) de produtos e serviços, é devido um intenso processo de financeirização da economia que perpassa toda essa complexidade contemporânea.

Assim, constatamos que a centralidade que o camelódromo exerce na escala da cidade e no âmbito da escala regional, sendo que muitas pessoas das cidades do entorno vão para consumir nesse espaço. Portanto, é importante para a economia da cidade, além de contribuir na geração de empregos, propiciando o consumo e alterando os papéis na movimentação da economia e da financeirização.

Vivemos em uma economia na qual o circuito superior se renova constantemente, com a criação de produtos e a inserção destes no mercado, sob a ótica da técnica da informação, combinado com alto poder das finanças, que permite o alto grau de investimento sem correr riscos e, principalmente, favorecendo a propagação do crédito. Compreendido como um meio que propicia e estimula o consumo, o crédito está vinculado ao marketing, como estratégia de mercado, ampliando ainda mais o consumo e, também, sua complexa capacidade de se reproduzir no macro-organização território, superando a escalas locais e regionais. Sendo assim, analisamos a variável das finanças como uma variável determinante/dominante para a expansão do circuito superior, e assim "... a voracidade do circuito superior conduziu múltiplas e ainda pouco conhecidas formas de dominação das economias pobres das cidades. (SILVEIRA, 2008, p.16).

Por outro lado, o circuito inferior utiliza-se das técnicas mais modernas presentes no mundo globalizado que consiste nos novos usos e finalidades para os objetos e técnicas, que são utilizadas pelas atividades com baixo grau de capital, se tornando uma característica comum do circuito inferior e nítida dentro do camelódromo. O que vemos hoje é a "fácil" imitação dos produtos lançados pelo circuito superior, a sua invenção é densamente reproduzida em mercadorias que revelam o poder das técnicas, principalmente, no que tange à informação. Como o exemplo mais didático, os aparelhos celulares, cujas réplicas são muito vendidas no camelódromo, que estão constantemente lançando produtos novos, mais atualizados e modernos, com o intuito de se renovar e de fazer com que as pessoas sintam a necessidade de ter uma nova mercadoria para estar atualizado com o mundo contemporâneo. Além disso, os principais produtos vendidos e consumidos no camelódromo, são do ramo de eletrônicos, que envolve certo grau de tecnologia, informação e que são renovados a todo momento, mostrando que características antes presentes apenas no circuito superior da economia, agora estão também presentes no inferior.

Sendo assim, no mundo globalizado o circuito superior tende a ser espalhado pelo território nacional, dominando-o em grande escala, com atividades modernas e que gera grande circulação do capital e cada vez mais assumindo um caráter de que não é necessário mão-de-obra. Sob a ótica das finanças, e das técnicas modernas presentes, os comerciantes do camelódromo adotarem o uso do cartão de crédito, estabelecendo também uma organização do seu trabalho para que ele possa competir e garantir uma estratégia de sobrevivência econômica. E como nos mostraram os dados da pesquisa: as pessoas passam cada vez mais a usar os cartões de créditos. Ainda que, elas preferem pagar à vista, a porcentagem de resposta do uso do cartão foi aumentando a cada enquete aplicada.

Através das respostas das enquetes aplicadas durante a pesquisa, no que se refere às profissões, obteve-se um leque variado de respostas, o que nos possibilitou conseguirmos comprovar a hipótese de que o camelódromo não é um local frequentado apenas por pessoas de segmentos de poder aquisitivo menor, e sim envolve todas as camadas da sociedade. Assim, concluímos que crédito e consumo são variáveis determinantes/dominantes comuns aos dois circuitos da economia urbana, porém o crédito é mais presente no circuito superior. E no que se refere ao circuito inferior, o consumo é um paradoxo, um conflito no que concerne à lógica e contraria os princípios básicos, de modo que, de um lado, a ideologia de consumismo reforça o endividamento e a pobreza, de outro, a vontade de consumir é a razão da produção e da respectiva sobrevivência por grande parcela da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORASCHI, Gabriel Ribeiro. Comércio popular e consumo. Articulações entre os Circuitos Superior e Inferior da Economia Urbana em Cidades Médias: Presidente Prudente (SP) e Londrina (PR). Originalmente apresentado com trabalho de conclusão de curso em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente, 2016.
- CATELAN, Márcio José. Heterarquia urbana: interações espaciais interescolares e cidades médias. Originalmente apresentado como tese de Doutorado em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente, 2012.
- _____. As interações espaciais interescolares: o potencial de consumo das cidades médias na rede urbana. Apresentado no XIII Seminário Internacional RII, Salvador/BA. Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente, 2014
- CORREIA, Sílvia. Emprego e Desemprego em Presidente Prudente. A Saída pelo Trabalho Informal: O exemplo dos Camelôs. UNESP, Presidente Prudente, 2006. Dissertação [Mestrado em Geografia].
- COSTA, Daniele Aparecida Gonçalves Gregório. Camelô, Camelódromo e Informalidade: Um estudo sobre o Trabalho Informal no comércio de Presidente Prudente. Faculdades Integradas "Antonio Eufrásio de Toledo" – Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Presidente Prudente, 2002.
- MONTENEGRO, Marina Regitz. Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano. O circuito inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém. São Paulo: FFLCH. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2012.
- _____. Reflexões para uma teoria da localização da economia popular nas metrópoles brasileiras. Boletim campineiro de Geografia, v.3, n.1: AGB: Campinas, 2013.
- SANTOS, Milton. O Espaço Dividido. São Paulo: Edusp: 2004.
- _____. Manual da Geografia Urbana. São Paulo: Edusp: 2008.
- SILVEIRA, M. L. Crises e Paradoxos da Cidade Contemporânea: os Circuitos da Economia Urbana. Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

_____. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. Caderno CRH (UFBA), v. 22, p. 65-76, 2009.

_____. Globalización y circuitos de La economía urbana em ciudades brasileñas. CUADERNOS DEL CENDESAÑO 21. N° 57. TERCERA ÉPOCASEPTIEMBRE-DICIEMBRE 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O centro e as forma de centralidade urbana. Revista Geografia. São Paulo: v.10, p. 1-18, 1991.

_____. Cidades Médias: Espaço em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. Lógicas econômicas e praticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo. Presidente Prudente: projeto de pesquisa apoiado pela FAPESP 2011.